

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de Maranhão Class.: 124

Data: 21/07/89

Pg.: \_\_\_\_\_

# Terras dos guajás são invadidas

Vários padres católicos, residentes no interior do Estado, e membros do Conselho Indigenista Missionário vieram a São Luís, ontem, denunciar as invasões que estão ocorrendo na área indígena dos awá, território tradicional dos índios guajás. O padre italiano Carlos Ubbiali, da paróquia de Bom Jardim, que vistoriou boa parte dos limites da área, informou que mais de 40 mil hectares já foram invadidos por grandes fazendas, pequenas propriedades, estradas, grupos madeireiros maranhenses e paulistas e milhares de posseiros, forçando os índios a recuarem para as áreas indígenas dos krikatis e araribóias.

Para o indigenista Cláudio Zannoni, a cada dia que passa as possibilidades de demarcação do território ficam mais remotas. "Após a publicação de duas portarias — a primeira em maio de 1988, prevendo uma demarcação de 147 mil hectares, e a segunda, que anulava a primeira e reduzia a superfície territorial para 65 mil hectares — tudo volta a estaca zero", revelou, através da nota divulgada à imprensa. Com efeito, continua o documento, também a segunda portaria de setembro de 1988, por se revelar inconstitucional, foi sustada pelo Supremo Tribunal Federal.

Segundo Zannoni, depois disso nenhuma medida foi tomada por parte do Governo Federal para sustar as invasões, as derrubadas e queimadas de um nú-

mero sempre maior de áreas de florestas pré-amazônica em que perambulam vários grupos de guajás sem nenhum controle. "As últimas imagens proporcionadas pelo satélite evidenciam de forma inelutável a presença generalizada e marcante das invasões, para exploração de madeira, agricultura pecuária e mineração", acrescentou.

### Dispersão

Acusados pela presença dos brancos, os guajás, atualmente estimados em 200, estão se espalhando pela Reserva Florestal do Gurupi, desde o Alto Turiaçu até Amarante, passando por Bom Jardim. Há cerca de dois meses, pelas informações do padre Ubbiali, um grupo de 30 pessoas apareceu na reserva indígena do krikatis para manter contato e depois desapareceu na floresta, sem deixar vestígios.

Isso, no entanto, está acontecendo com mais frequência depois do aumento das invasões deixando crer que, por falta de opção, os grupos nômades estão recuando das bases tradicionais como a Serra da Desordem, por exemplo, para a proteção duvidosa das outras reservas.

Nos próximos dias, duas equipes da Funai realizarão mais uma vistoria à área, numa extrema tentativa de equacionar, de modo definitivo, o problema, através do levantamento do maior número de informações sobre a situação fundiária da região para posteriores propostas de demar-



Crianças guajás na área dos awá, que vem sendo invadida

cação. Do outro lado dessa iniciativa, estão vários fazendeiros e empresários como os irmãos Galetti e a empresa Alto Turiaçu, mais conhecida como "os paulistas", mobilizando políticos da região tocantina para pressionar o Governo Federal e garantir seus interesses econômicos.

O Cimi sabe também que os levantamentos fundiários realizados por estas equipes não encontram apoio nos altos escalões do governo. "Essas medidas administrativas são mais um mecanismo para camuflar e protelar uma decisão política que o governo não quer tomar: a demarcação imediata de um território para salvar os guajás e a área indígena Alto Turiaçu", ressaltou o documento do conselho, observando que embora demarcada e homologada, a reserva de 530 mil hectares dos urubus-kaapor, tembes e timbiras está sendo vendida indiscriminadamente.

### Invasão de reserva

Recentemente alguns índios timbiras que moram no local descobriram a presença de picadas dentro da reserva a partir do Igarapé Araçatua. Agentes da Poli-

cia Federal e funcionários da Funai descobriram que um senhor de nome Nicodemus, morador de Imperatriz, estava entregando "propriedades" de 500 a 1.000 hectares da área indígena Alto Turiaçu para vários fazendeiros de Paragominas. Alguns deles, vêm explorando madeira nobre, ameaçando de morte os índios com receio de perder o que compraram.

Por causa disso, o clima na região é bastante tenso com possibilidade de conflitos a qualquer momento, caso não sejam tomadas medidas urgentes para resolver o problema. A preocupação dos padres, no primeiro instante, era interditar a área para que os índios não mantivessem contato direto com os brancos devido à fragilidade de seu organismo frente às doenças tropicais.

Agora, porém, querem salvar, pelo menos, os 65 mil hectares com bosões de florestas virgens para preservação da reserva diante das invasões. Não há mais lugar para os guajás continuarem sua luta pela sobrevivência. Eles estão entregues ao seu próprio destino.